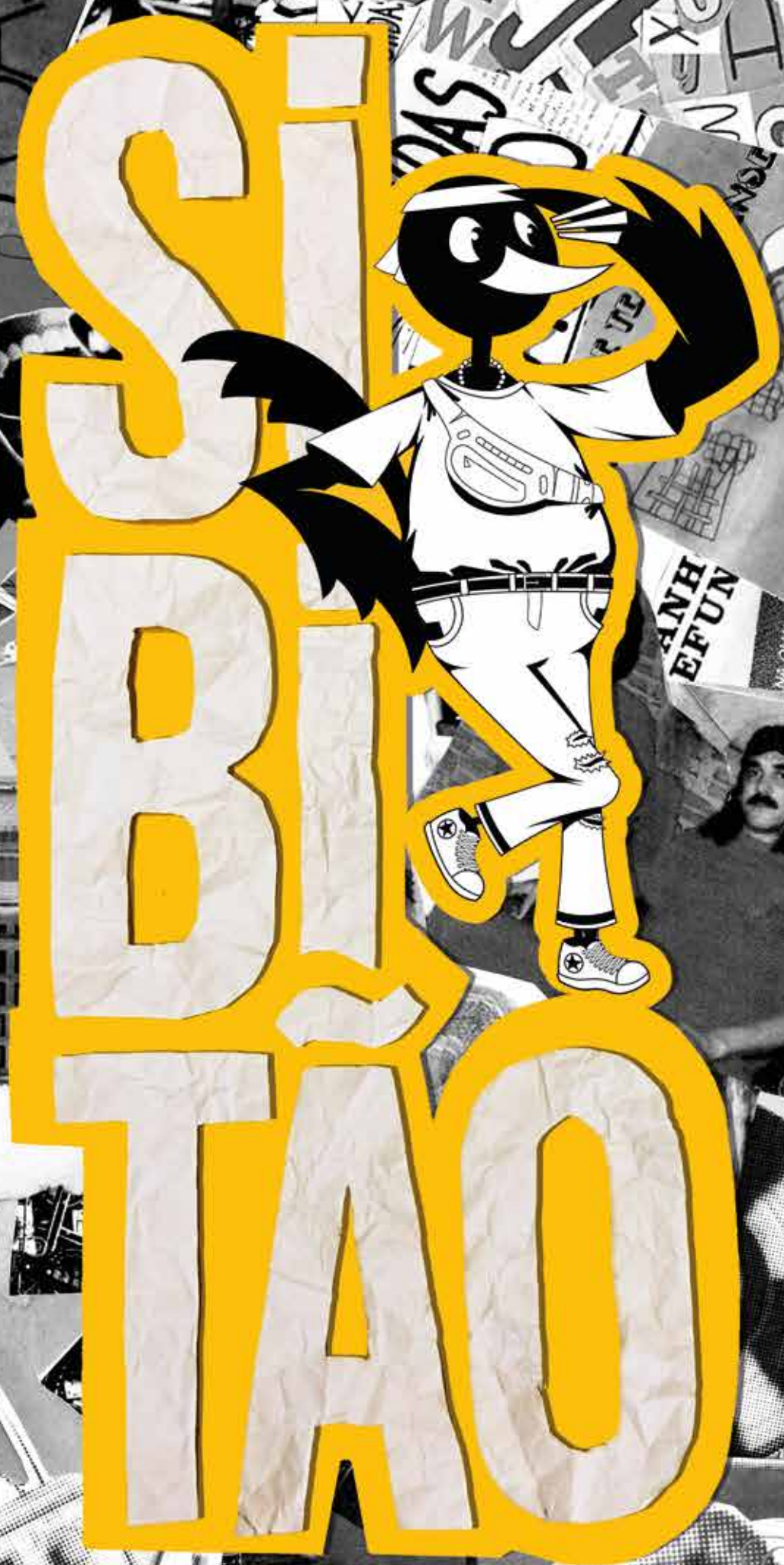


# MEMÓRIAS DAS ARTES EM IMPERATRIZ

Suplemento  
Cultural do  
Zine Sibita

Edição 2  
Fevereiro de 2025



VAL DE POESIA, CRÔNICA E CONTO  
ão abertas as inscrições para o II Festival  
Crônica e Conto no Paço da Cultura José  
aqueles que quiserem, basta dar um pulo  
que explicará o

## LEMBRAR PARA TRANSFORMAR

É impossível entender e dinamizar as manifestações culturais do presente, em uma cidade como Imperatriz (MA), sem rememorar como os artistas se expressavam em diversas áreas há algumas décadas. Os pioneiros do teatro, música, literatura, cultura popular e aqueles que lidavam com as exposições de cinema deixaram um legado de ação coletiva e formação de público que precisa ser revigorado.

Por isso, o tema central do Sibitão 2 gira em torno das memórias das artes que agitaram a cidade, sobretudo, nos anos 1980 e 1990 do século XX e na primeira década do século XXI. Nossos (as) repórteres procuraram as vozes de escritores, compositores, mestres da cultura popular e brincantes, atores, atrizes, diretores, além de espectadores e exibidores de salas de cinema que já não existem mais. Nas próximas páginas os (as) leitores (as) serão transportados (as) a um cenário bastante movimentado que marcou a cultura local.

O tema do Sibitão 2 casa perfeitamente com a leitura do Sibitão 1, que tratou das radiografias culturais de Imperatriz. Ou seja, enquanto na edição passada a ideia foi promover um debate com os artistas sobre o universo atual das artes visuais, artesanato, cinema, dança, música, teatro e cultura geek, agora damos um recuo no tempo para contextualizar as origens, diferenças de pano de fundo, dificuldades e vitórias de quem batalhava pela cultura no município nas décadas passadas.

Assim como na sua estreia, esta nova edição do Sibitão vem com todas as suas páginas ilustradas com colagens, ilustrações. Tudo para garantir uma imersão criativa de texto e imagens no clima das expressões artísticas do passado recente. Então vambora nesse túnel do tempo!

## CRIAÇÃO LÚDICA

Cortar, colar e mesmo desenhar à lápis são técnicas tradicionais da produção editorial substituídas pela agilidade do mundo digital. Nesta edição do Sibitão, dedicada às memórias da cena cultural, voltamos ao passado também na produção do design editorial. Nossos estudantes fizeram pesquisa de imagens, imprimiram, recortaram e criaram colagens manuais para estampar a edição. O logotipo da capa foi cortado e amassado manualmente. Uma estética que dialoga com o "faça você mesmo" dos fanzines e mobiliza técnicas criativas e reflexivas de produção visual.

Aliás, o Sibitão nasceu premiado e isso aumentou nossa responsabilidade gráfica. A edição 1 venceu as categorias regional e nacional da Expocom (Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação), prêmio da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), na categoria de melhor Design de Imprensa.

Desta vez, novas ilustrações do nosso mascote, o pássaro Sibita, passeiam pelas páginas a partir das mãos talentosas dos ilustradores Duda Santos, Lucas Filemom, Natalia Catherine e Pedro Bezerra. Na capa, ele se veste de anos 1980 para mergulhar no passado. Nas reportagens, revive cenas do teatro carregando um porco, dança reggae, se veste de acadêmico e de cultura popular e, por fim, ganha o coração de todo mundo como cupido.

Essa produção criativa também celebra a alegria dos encontros, das trocas que uma redação presencial e colaborativa movimentou. Durante as horas recortando, colando e amassando papel, construímos repertório, conexões e refletimos sobre o valor de cada detalhe na construção de uma comunicação visual informativa e inspiradora.

## SIBITÃO - SUPLEMENTO CULTURAL DO ZINE SIBITA

Nº 2 - FEVEREIRO DE 2025 - IMPERATRIZ MA

SIBITÃO é um suplemento cultural do projeto laboratorial multimídia Zine Sibita, que contempla o site [www.zinesibita.ufma.br](http://www.zinesibita.ufma.br), o perfil @zinesibita e o fanzine artesanal Sibita, coordenado pela professora Yara Medeiros, do grupo de pesquisa LoveLabCom (Laboratório de Comunicação Visual e Edição Criativa - @lovelabcom).

### COORDENAÇÃO E EDIÇÃO

DOS PROFESSORES  
Alexandre Maciel  
Yara Medeiros

### CHEFE DE REPORTAGEM

Alexandre Maciel

### ASSISTENTE DE EDIÇÃO

João Marcos Silva

### PROJETO GRÁFICO E COORDENAÇÃO DE DESIGN EDITORIAL

Yara Medeiros

### TEXTOS E DIAGRAMAÇÃO

Turma da disciplina Jornalismo  
Impresso II (2024.2) com o  
professor Alexandre Maciel

### EQUIPE DE APOIO LOVELABCOM

### ILUSTRAÇÕES DO MASCOTE SIBITA

Duda Santos  
(p. 16 e 19)  
Lucas Filemom  
(Capa, p. 4 e 11)  
Natália Catherine  
(p. 7, 9 e 15)  
Pedro Bezerra  
(p. 20 e 22)

### CAPA E ASSISTENTES DE PRODUÇÃO GRÁFICA

Lucas Filemom  
Saiury Lima

### CURSO DE JORNALISMO

UFMA - IMPERATRIZ  
Centro de Ciências  
de Imperatriz (CCIM)

As informações aqui contidas não representam  
a opinião da Universidade Federal do Maranhão.

## REPÓRTERES DESTA EDIÇÃO



**ANA GABRIELA FONSECA**

Apaixonada por histórias e por viver experiências.



**ANA LUIZA PALMEIRA**

“Só não se perca ao entrar no meu infinito particular...”



**ANA MARIA NASCIMENTO**

Tudo o que vier de mim, será bom também.



**ARTUR MARQUES**

Mundinho David Lynch Imperatriz- MA.



**BASILIANO NETO**

Querer, poder e conseguir!



**DUDA SANTOS**

A arte conecta mundos.



**ELIZANGELA ALMEIDA**

É preciso ter coragem para correr atrás daquilo que você precisa, mas primeiro aprenda a ter essa coragem.



**GABRIEL ARAUJO**

Construindo pontes indestrutíveis.



**LAURA PAULINO**

Cafê, livros e viagens.



**MARCOS VIANA**

“(...) mal existo e se existo é com delicado cuidado.”



**NYLLA MARIA**

Explorando o mundo, uma cidade por vez.



**RAFAELA OLIVEIRA**

Young, gifted and black.



**VIRNA ÁGUIDA**

“Até que nem tanto esotérica assim...”



**WANESSA NATALI**

As coisas me atravessam, mas não me derrubam.

## COLABORADORES



**LUCAS FILEMOM**

Tudo dá certo no final.



**NATALIA CATHERINE**

Viver é desenhar sem borracha.



**PEDRO BEZERRA**

Espiritualmente conectado com a primeira pessoa pré-histórica que olhou um pássaro voando e quis ser um.



**SAURY LIMA**

Para viver é preciso ser livre.



# PALCO DE MEMÓRIAS

## A LUTA E A MAGIA DO TEATRO IMPERATRIZENSE

### TEXTO E COLAGEM

ANA GABRIELA FONSECA  
ANA MARIA NASCIMENTO  
NYLLA MARIA DIAS

**N**o palco, uma atriz e um porco. Um porco vivo. Ouvia-se declarações e muitas gargalhadas do público. *Amor, Suíno, Amor* (1990) é uma das peças que marcam a história do teatro imperatrizense. A atriz e palhaça Jô Santos relata que não acreditava ser possível encenar com um animal de verdade, mas teve coragem e fez.

“O público foi ao delírio. E eu repeti essa dose com os meus 50 anos”. Ela encenou novamente este espetáculo em homenagem ao seu grande amigo e um dos precursores do movimento teatral da cidade, o professor Gilberto Freire de Santana.

A trajetória local das artes cênicas começou com a iniciativa de artistas que nutriam o desejo de impactar a comunidade por meio das manifestações culturais. A partir da década de 1970, Imperatriz passava por uma transformação intensa, sendo um lugar que inicialmente recebia migrantes em busca de riquezas rápidas, resulta-

do da grilagem de terras e das promessas de um futuro econômico.

Nessa mesma época, foi oficialmente fundado, pelo ator e diretor Pedro Hanaye, o Príncipe Teatro de Imperatriz (Pritei), ainda com uma estrutura mais simples. Em sua versão atual, com 250 lugares, foi renomeado como Teatro Ferreira Gullar ou Ferreirinha, em homenagem ao poeta maranhense.

Foi no cenário em que surgiram os primeiros movimentos culturais, que o teatro se tornou um espaço de afirmação e construção de identidades. O roteirista Joanires Mauro e o diretor teatral Gilberto Freire abriram as portas na cidade com o espetáculo infantil *Meteoro, Aqui Vou Eu!*, em 1991.

A produção foi um marco na cena teatral local, não apenas por sua proposta criativa, mas também por sua construção coletiva liderada pelo grupo Oásis. O texto foi escrito pelos próprios artistas.

Além disso, outros espetáculos como *Amor, Suíno, Amor* e *Mãe, Amor e Flores* ajudaram a conso-

lidar uma dramaturgia local que explorava a complexidade das relações humanas.

O primeiro questionava os valores sociais e econômicos da cidade, criticando a superficialidade das relações. Já *Mãe, Amor e Flores* abordava a maternidade, um tema universal, mas com uma perspectiva regional, refletindo sobre os desafios, as alegrias e as transformações nas bases familiares.

Com todo o desenvolvimento do teatro e da arte na região, foi necessária a criação de um coletivo que respondesse pela classe. Em 1982 foi criada a Associação Artística de Imperatriz (Assarti), liderada pelo compositor e escritor Zeca Tocantins, com a finalidade de organizar e dinamizar as atividades. “Ela aglutinava os artistas naquela época, e eu me envolvi com todos os segmentos: o pessoal do teatro, da música e da poesia”, explica o diretor e roteirista Mauro Soh.

“A Assarti era a base de tudo”, relembra Gilberto sobre a importância da associação para a comunidade. A partir dela, surgiram eventos como a Feira de Artes e as apresentações teatrais. As peças eram roteirizadas e elaboradas com o apoio do Grupo Literário de Imperatriz (Gruli). “Foi importante para fortalecer o cenário artístico da cidade. Era nesse grupo que acontecia o Festival de Poesia, Crônica e Conto”, enfatiza Jô Santos.

## O teatro sobre(vive)

Mesmo com um grande público presente nas peças teatrais, os artistas enfrentavam dificuldades devido à falta de recursos para manter os espetáculos em cartaz. O coordenador do Teatro Ferreira Gullar, Antonio Francisco Rêgo, conhecido como Xico do Teatro, afirma que no passado e, até hoje, a Prefeitura da cidade não apoia a causa teatral e só procura os artistas em épocas de eleição.

“Eles vêm, mas depois, quando acaba, somos nós que precisamos ir atrás deles, e isso é complicado. Eles acham que o teatro é sempre político. Tem gente que pensa que todo mundo aqui é de esquerda, mas eu não confundo as coisas”. O anseio do coordenador é que Imperatriz tenha representantes políticos que apoiem as questões culturais.

Apesar das dificuldades, os artistas encontravam formas de continuar fazendo o que amavam. Muitas vezes, eles precisavam investir recursos próprios nas peças. “Tinha um lado bom, porque nós somos concursados. A gente tinha o nosso dinheiro todo mês. Se a gente não tivesse, talvez não faria isso”, reflete Jô Santos. A atriz explica que sempre era necessário contar com os investimentos de Gilberto Freire. “Ele era nosso maior investidor na época, porque tinha o prazer de fazer”.

**Jô Santos no Festival de Poesia, Crônica e Conto, apresentando a peça “O Homem da Lanterna” (1993).**

IMAGENS: ARQUIVO ASSARTI (1980/1990)





Para manter o público mais assíduo nas apresentações, Gilberto decidiu criar o Projeto Resgate, na década de 1990. Os artistas entregavam a programação junto com os ingressos para os chamados “amigos do teatro”. Assim, as pessoas pagavam uma mensalidade e tinham acesso à programação mensal.

“O público era a sociedade em geral: advogados, professores, o pessoal das universidades. Quando tinha um evento bom, um espetáculo legal, o teatro lotava”, destaca Xico. Em alguns períodos, o projeto chegou a montar mais de seis espetáculos. “O público também tem que prestigiar, pagar para assistir o que é bom”, enfatiza o diretor Gilberto Freire.

Mauro Soh descreve o cenário do final do século XX como precário, mas dinâmico. O grupo Oásis tinha um repertório de espetáculos desde o público infantil até o adulto. “Montávamos a programação do Teatro Ferreira Gullar, circulávamos na região e participávamos das mostras maranhenses de teatro”. Um dos pilares para que as peças acontecessem em Imperatriz era o movimento artístico de São Luís, que “ajudava e apoiava muito com oficinas e integrações maravilhosas”, informa.

### Saudade do palco

“Eu conto histórias, faço palhaçaria, tatuagens, um monte de coisa. Mas é do teatro que eu sinto falta. Eu falo pro Gilberto: ‘Me coloca no teu espetáculo’. Aí ele fica brincando: ‘Ah, tu não decora mais nada’”. Jô revela a saudade de estar nos palcos, declamando textos, emocionando o público. “Isso é arte pra mim”, afirma.

Para Xico do Teatro, os festivais de poesia dos anos de 1980 a 1990 foram memoráveis. “Os festivais aqui eram bons demais, tu vê? Era a semana toda. Vinha gente de fora, como São Paulo, Bahia. O teatro era lotado. Nós tínhamos o público, o pessoal de fora. Não dá pra esquecer dessa época.” Ele lamenta que o projeto tenha acabado por falta de verba. Hoje, apesar de o teatro estar lotado com apresentações escolares ou *stand ups*, para Xico, a cidade não oferece mais a diversidade de espetáculos que existiam na época.

A maior saudade de quem vivia esse movimento, era se sentir parte de uma família. “No grupo de teatro Oásis, nós tínhamos 30 atores e ninguém ganhava nada. Partia muito do senso coletivo. A gente só chegava e dizia: ‘Bora fazer um espetáculo?’”, expõe Gilberto Freire. Ele focava em uma abordagem mais artística, enquanto Mauro Soh se dedicava ao teatro popular e de rua.

**“EU CONTO  
HISTÓRIAS, FAÇO  
PALHAÇARIA,  
TATUAGENS, UM  
MONTE DE COISA.  
MAS É DO TEATRO QUE  
EU SINTO FALTA”**

JÔ SANTOS, ATRIZ



**“OS FESTIVAIS AQUI  
ERAM BONS DEMAIS,  
TU VÊ? ERA A SEMANA  
TODA. VINHA GENTE DE  
FORA, COMO SÃO PAULO,  
BAHIA. O TEATRO ERA  
LOTADO. NÓS TÍNHAMOS  
O PÚBLICO, O PESSOAL  
DE FORA. NÃO DÁ PRA  
ESQUECER DESSA  
ÉPOCA”**

XICO DO TEATRO,  
COORDENADOR DO FERREIRA GULLAR



**O teatro era o espaço em que aconteciam os festivais,  
que reuniam todos os artistas da região**

Uma das histórias mais marcantes foi a apresentação de uma peça em frente ao 50º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS). “Perto de lá, pessoas aguardavam em filas durante a madrugada para serem atendidas no posto de saúde. Nós inventamos de fazer um espetáculo para apresentar para eles”, rememora Jô Santos.

Ela ainda diz que esse era o espírito teatral da época: levar arte diretamente ao público. Para os que viveram esse período, a saudade não é apenas das apresentações, mas do senso de pertencimento e da intensidade vivida a cada momento.



# LITERATURA COMO AÇÃO COLETIVA

ESCRITORES IMPERATRIZENSES REVELAM  
ORIGENS DA CENA LITERÁRIA NA CIDADE

**POR**

LAURA PAULINO

MARCOS VIANA

WANESSA NATALI



“**A**qui ninguém, nem mesmo os escritores, sabia alguma coisa sobre a publicação de livros. Tanto que os primeiros eram quase sempre cadernos estreitos com páginas dobradas e grampeadas pela lombada (dorso). As tiragens eram pequenas, livros sem ficha catalográfica e até sem folha de rosto e sem prefácio”. O escritor e poeta Ribamar Silva, membro da Academia Imperatrizense de Letras (AIL), retrata desta forma o cenário literário em Imperatriz na década de 1970.

“Ser escritor, na essência, sempre foi prazeroso e desafiador. Mas as dificuldades eram bem mais do que as atuais. Sobretudo em que se trata da tecnologia, principalmente no nosso país, que reduziu os números reduzidos de leitores”, declara o atual presidente da AIL, o escritor Raimundo Trajano.

Uma das primeiras figuras a surgir no cenário literário de Imperatriz foi Sousa Lima (1889-1942). Apesar de vários registros apontarem que ele é natural de Grajaú, ele deixou uma carta de próprio punho afirmando ser imperatrizense. Lima publicou *O tupinambá* em 1930, um romance indianista e histórico, com o foco em especial no povo guajajara. Em 1972, a primeira escritora mulher da cidade, a professora municipal Edelvira Marques de Moraes Barros (1930-2007), que também pertenceu à instituição, publicou o livro *Eu, Imperatriz*.

“As dificuldades para escritores em vários aspectos sempre existiram e ainda perduram, mas hoje de forma diferente. Antes mesmo da criação da Academia de Letras na

região, a cidade funcionava como um marco divisor dentro desse cenário. E antes da existência da Academia, o cenário era bem mais difícil”, destaca o escritor Raimundo Neto. Ele ainda lembra que as obras eram pouco lidas ou de difícil acesso. O poeta Ribamar menciona que os gêneros mais explorados pelos autores da região Tocantina, a princípio, eram os poéticos, enquanto outros tinham facilidade em escrever contos.

Trajano ressalta que a editora Ética, fundada em 1991, e hoje com mais de 700 publicações, veio a contribuir para que os autores de Imperatriz não precisassem mais ter de sair da cidade para a edição e divulgação dos seus livros. Ele menciona que, desde então, o fluxo de escritores e diversos formatos da literatura foi se expandindo devido à oportunidade editorial. O dono da editora, o escritor, jornalista, historiador e editor Adalberto Franklin (1962-2017), que foi membro da AIL, muitas vezes tirava do seu bolso para a publicação de algumas obras.

Outro marco foi a criação do Grupo Literário de Imperatriz (Gruli), no início dos anos 1980. Na ocasião, um coletivo de jovens escritores se reunia para discutir sobre a arte e a escrita, chegando a publicar diversos trabalhos. Foi a partir dessas conversas sobre literatura que foi promovido o 1º Festival de Poesia, Conto e Crônica de Imperatriz, em 1983. “O festival foi criado para sediar oportunidade para escritores, ou quem quisesse propagar sua arte”, relata o escritor, poeta, cantor e compositor Zeca Tocantins, membro fundador da AIL.



COLAGEM: MARCOS VIANA SOBRE FOTO DE HUDSON FROTA

Hoje com 15 obras publicadas, Zeca, na sua juventude, em meio à força dos sindicatos e associações de moradores de bairros, foi membro e fundador de uma das iniciativas mais importantes: a Associação Artística de Imperatriz (Assarti), que deu origem a outras instituições culturais. O livro “Imperatriz: 150 anos”, produzido pela própria AIL, menciona que a Assarti possibilitou a criação do Sindicato dos Músicos, Associação de Artesãos, a Associação dos Artistas Plásticos e do já citado anteriormente, o Gruli. As organizações produziam um jornal, datilografado no papel estêncil, depois rodado no mimeógrafo, que era vendido na Praça da Cultura, onde a “rapaziada” amante da arte costumava se encontrar.

#### História da AIL

A Academia Imperatrizense de Letras (AIL) foi fundada no dia 27 de abril de 1991, tendo como idealizador e primeiro presidente o jornalista Edmilson Sanches. Vindo de sua terra natal, Caxias (MA) — local marcado por influências artísticas e literárias — para Imperatriz, Sanches

“  
**AS TIRAGENS**  
**ERAM**  
**PEQUENAS,**  
**LIVROS SEM**  
**FICHA**  
**CATALOGRÁFICA**  
**E ATÉ SEM**  
**FOLHA DE**  
**ROSTO E SEM**  
**PREFÁCIO**

ESCRITOR RIBAMAR SILVA



raus  
to. [De  
ura; escri  
as; letrado.  
a [De



logo se juntou a ativistas e realizadores locais da literatura, arte e cultura, como a Assarti, ajudando na elaboração de jornais e revistas. O projeto de fundar uma Academia tornou-se mais sólido a partir da inexistência de entidades do gênero na cidade.

Como precisava de pelo menos seis ou sete nomes que concordassem com a fundação da Academia e já estava com 14, Edmilson elaborou o projeto de edital de convocação e comprou os livros formais para registro de presença e de atas. “Na manhã do dia 27 de abril de 1991, em um sábado, reunimo-nos em uma sala de projeção de filmes de videolocadora de um amigo meu, na rua Simplício Moreira. A decisão foi unânime, a assembleia geral aprovou a criação da Academia de Letras”, relembra Edmilson Sanches. As primeiras reuniões aconteciam em salas da diocese de Imperatriz, da Associação Regional de Municípios e de outras entidades, até a mudança definitiva para o antigo prédio da prefeitura de Imperatriz, diante da Praça da Cultura.

Edna Fonseca Ventura foi a primeira e única mulher a ocupar a presidência da AIL. Nascida em Imperatriz, logo tomou gosto pelo conhecimento da literatura de cordel com o seu pai. Formada em História e pós-graduada em Ciências Sociais, ela começou a escrever os seus primeiros contos em 1979.

Após ter sido por três vezes vice-presidente da AIL, tornou-se pre-

sidente em 2011. Completou o seu primeiro mandato em 2013, foi reeleita e passou mais dois anos à frente da instituição. “Quando fui eleita, só havia duas mulheres no quadro de membros da AIL. Quando coloquei meu nome para apreciação, recebi apoio unânime. Não senti resistência da confraria por ser uma mulher se propondo a presidir a instituição”, lembra Edna Ventura.

### Salimp

Os primeiros contornos para criação do Salão do Livro de Imperatriz (Salimp), surgiram com a idealização de Zeca Tocantins em 2003. A princípio, eventos como a Semana de Poesia aconteciam na própria Academia e depois passaram a ser feitos na Praça da Cultura. Ribamar Silva também se lembra da Semana Cultural, que começou com uma simples barraquinha para a venda de livros baratos e, com o tempo, foi aumentando a quantidade de tendas.

**“ QUANDO COLOQUEI MEU NOME PARA APRECIAÇÃO, RECEBI APOIO UNÂNIME. NÃO SENTI RESISTÊNCIA DA CONFRARIA POR SER UMA MULHER SE PROPONDO A PRESIDIR A INSTITUIÇÃO**

EDNA FONSECA  
EX-PRESIDENTE DA AIL

”





“  
NA MANHÃ DO DIA  
27 DE ABRIL DE 1991,  
EM UM SÁBADO,  
**REUNIMO-NOS** EM UMA  
SALA DE PROJEÇÃO  
DE FILMES DA  
VIDEOLOCADORA DE  
UM AMIGO MEU, NA RUA  
SIMPLÍCIO MOREIRA. A  
**DECISÃO** FOI UNÂNIME,  
A ASSEMBLEIA GERAL  
APROVOU A CRIAÇÃO DA  
**ACADEMIA DE LETRAS**

EDMILSON SANCHES, EX-PRESIDENTE DA AIL ”

Com o envolvimento dos acadêmicos e a colaboração de alguns apoiadores, como o Exército e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a feira era intitulada “Semana Imperatrizense do Livro”. Após cinco edições de sucesso na praça, que atraíam cada vez mais visitantes de toda região Tocantina, o projeto se ampliou até chegar ao Salimp, realizado em um espaço maior e com diversos estandes, no Centro de Convenções. Com o mesmo cronograma de 10 dias, as atividades eram realizadas num período de 12 horas distribuídas entre os três turnos para que fosse possível atender todo o público.

O Salimp aconteceu dessa forma por mais de 18 edições, sendo a mais

recente realizada em 2022. O evento não seguiu adiante devido a questões financeiras e à falta de investimentos públicos e privados. Um dos principais problemas, como mencionam os acadêmicos, é a cobrança exorbitante no valor aluguel, de R\$ 200 mil, por parte da administração do Centro de Convenções.

Em perspectiva para um “futuro próximo”, Ribamar Silva vislumbra resgatar o Salimp voltando às suas raízes, com a montagem de barracas na Praça da Cultura e a venda de livros acessíveis de autores regionais: “Defendo a ideia de voltar a ser onde era antes. Montam-se umas tendas lá [na praça] e faz da mesma forma como aconteceu na primeira”.



MÚSICA

# NA MELODIA DO PASSADO

O CENÁRIO MUSICAL EM IMPERATRIZ NOS ANOS 1990

**TEXTO E COLAGEM**

ANA LUIZA PALMEIRA

RAFAELA OLIVEIRA

VIRNA ÁGUIDA

O cenário musical de Imperatriz viveu um período de intensa efervescência nas décadas de 1980 e 1990, quando a cidade se tornou um ponto de destaque de artistas e palcos que celebravam diversos gêneros. Três figuras importantes dessa época, o cantor e compositor Erasmo Dibell, a cantora Lena Garcia e o radialista Edvaldo Cardoso, revisitam momentos marcantes da trajetória da música local.

Na vertente da Música Popular Brasileira (MPB), Erasmo Dibell destacou os shows do bar Caneleiros, que ficava na rua XV de Novembro, e teve seu auge quando o cantor Wilson Zara ficou responsável pela administração. Por lá passaram artistas como Neném Bragança, Zeca Tocantins, Nando Cruz, Carlinhos Veloz, Chiquinho França e muitos outros.

Dibell também trouxe à memória o impacto cultural de sua formação: “Eu, adolescente, vivia ouvindo as rádios, que eram repletas de um repertório rico, com Luiz Gonzaga, Frank Sinatra e até música clássica. Quando a televisão chegou em Imperatriz, lá pelos anos 1975 e 1976, ela trouxe uma força cultural única com programas musicais e festivais. Naquele tempo, os LPs sempre traziam a frase ‘música é cultura’, algo que realmente vivíamos.” Segundo ele, o período representou uma era inesquecível para a cultura imperatrizense, cuja essência parece se perder na atualidade, em meio à multiplicidade da internet.

Lena Garcia iniciou sua trajetória profissional em 1993 e relembra que, mesmo sem participar diretamente desse período inicial, ainda sentia os reflexos dos anos 1980: “Se fala muito dessa década, que foi



# “PELAS MARGINAIS/ PASSARÃO MENINOS/ GUARDANDO O PAÍS/ POR QUEM BATEM OS SINOS ...”

“FILHOS DA PRECISÃO”, ERASMO DIBELL

marcada pela chegada do rock and roll, mudando a trajetória da música nacional. Naquela época, tudo era mais original, desde o movimento da MPB, com nomes como Bethânia e Gal e Imperatriz seguia muito essa linha”.

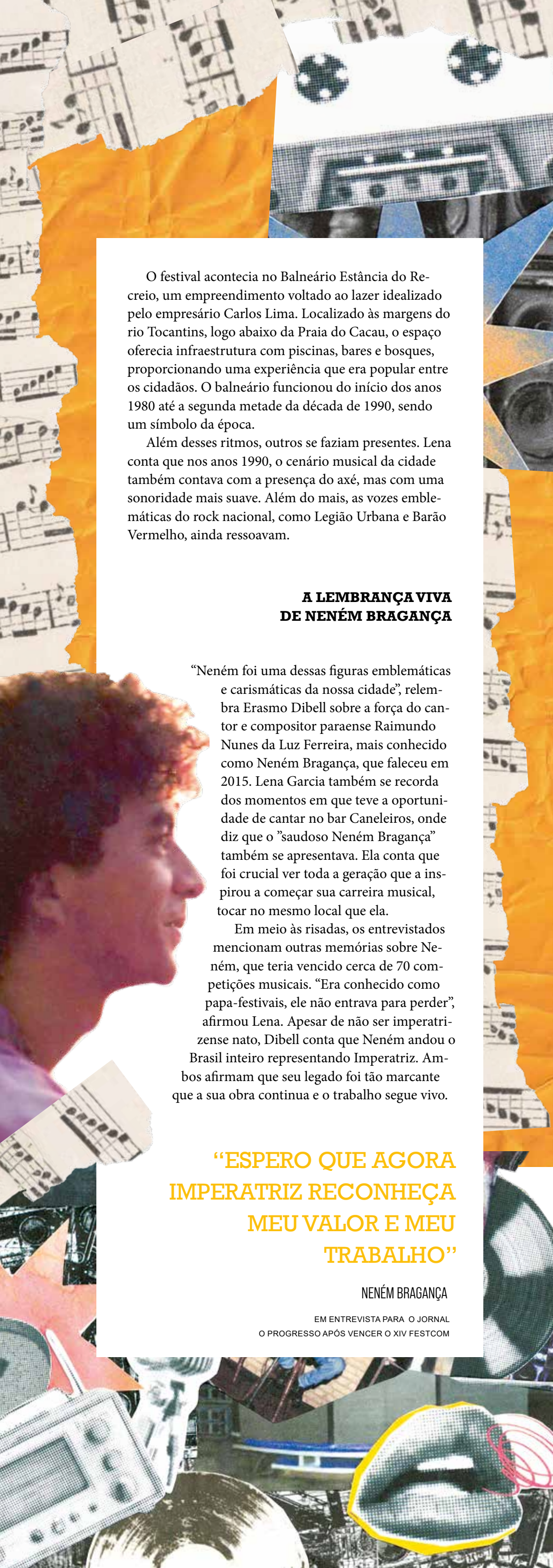
## FABER

O evento que marcou o imaginário dos cantores imperatrizenses da MPB foi o Festival Aberto do Balneário da Estância do Recreio (Faber), que teve a sua primeira edição em 1986, seguida de mais quatro, entre 1987 e 1989 e a última, em 1991. Esse festival, batizado pelo poeta e compositor Henrique Guimarães e idealizado pelo apresentador de TV Ernando Farias Timóteo e pelo cantor Neném Bragança, reunia artistas e compositores de todo o Brasil, que vinham competir com músicas autorais.

O festival recebeu também grandes nomes da música nacional como Moraes Moreira, Diana Pequeno, Raimundo Sodré e Amelinha e chegou a reunir mais de 10 mil pessoas num só lugar. Naquela época, a cidade era um polo cultural musical tão forte que, segundo Dibell, raramente os prêmios saíam para compositores de fora do Maranhão. Ele relembra a sua felicidade de ter conseguido o primeiro lugar em 1991, com sua música “Filhos da Precisão”.

**Colagem manual  
com momentos  
marcantes de  
artistas e de  
apreciadores  
de música**





O festival acontecia no Balneário Estância do Re-creio, um empreendimento voltado ao lazer idealizado pelo empresário Carlos Lima. Localizado às margens do rio Tocantins, logo abaixo da Praia do Cacao, o espaço oferecia infraestrutura com piscinas, bares e bosques, proporcionando uma experiência que era popular entre os cidadãos. O balneário funcionou do início dos anos 1980 até a segunda metade da década de 1990, sendo um símbolo da época.

Além desses ritmos, outros se faziam presentes. Lena conta que nos anos 1990, o cenário musical da cidade também contava com a presença do axé, mas com uma sonoridade mais suave. Além do mais, as vozes emblemáticas do rock nacional, como Legião Urbana e Barão Vermelho, ainda ressoavam.

### **A LEMBRANÇA VIVA DE NENÉM BRAGANÇA**



“Neném foi uma dessas figuras emblemáticas e carismáticas da nossa cidade”, relembra Erasmo Dibell sobre a força do cantor e compositor paraense Raimundo Nunes da Luz Ferreira, mais conhecido como Neném Bragança, que faleceu em 2015. Lena Garcia também se recorda dos momentos em que teve a oportunidade de cantar no bar Caneleiros, onde diz que o “saudosos Neném Bragança” também se apresentava. Ela conta que foi crucial ver toda a geração que a inspirou a começar sua carreira musical, tocar no mesmo local que ela.

Em meio às risadas, os entrevistados mencionam outras memórias sobre Neném, que teria vencido cerca de 70 competições musicais. “Era conhecido como papa-festivais, ele não entrava para perder”, afirmou Lena. Apesar de não ser imperatrizense nato, Dibell conta que Neném andou o Brasil inteiro representando Imperatriz. Ambos afirmam que seu legado foi tão marcante que a sua obra continua e o trabalho segue vivo.

**“ESPERO QUE AGORA  
IMPERATRIZ RECONHEÇA  
MEU VALOR E MEU  
TRABALHO”**

NENÉM BRAGANÇA

EM ENTREVISTA PARA O JORNAL  
O PROGRESSO APÓS VENCER O XIV FESTCOM



## MOVIMENTO REGGUEIRO

**N**esse mesmo cenário, os ouvintes das rádios de Imperatriz eram envolvidos por um ritmo diferente e único: o reggae maranhense. O radialista Edvaldo Cardoso, que é natural de Co-roatá (MA), tornou-se um dos principais nomes da comunicação e promoção desse estilo na região, comandando programas temáticos e festas.

No início, para determinar a direção que queria seguir, ele montou uma discoteca e fez de tudo para ampliar o alcance desses programas. “Comprei uns discos, né? Naquele tempo, CD. E comecei a fazer o programa todo dia na rádio. O sucesso foi tanto em 1993, que eu tive que botar dois horários: das 13h às 15h e das 20h às 22h. E aí deu certo, gerou audiência. Todo canto, as oficinas, tudo quanto é buraco, o povo ligado na rádio.”

Com o sucesso radiofônico, Edvaldo adquiriu uma radiola e fundou um clube, conhecido como Mansão do Reggae, onde promovia festas semanais em parceria com a radiola Holand Mix. Ele também expandiu suas iniciativas com o programa de TV Jamaica Hits, obtendo mais audiência.

Também ampliou sua influência para rádios como Mirante e Difusora. O trabalho de Edvaldo se consolidou com a expansão das radiolas e as parcerias com grandes nomes do cenário do reggae. “Eu trouxe aqui a radiola Estrela do Som, a Estrela Two. Foi a primeira radiola. Aí depois dela veio comigo a Radiola Natty Nayfson, que também foi sucesso. Participamos de um evento com o Eric Donaldson também, que foi show”, relata.

O entrevistado destacou que a Radiola Land Mix, com seus 30 anos de trajetória de sucesso, está passando por uma renovação significativa, apresentando uma nova estrutura de som e luz. O lançamento, já marcado em Imperatriz, será acompanhado de um plano de mídia ambicioso, incluindo exibição em grandes veículos, como a Globo.

Embora não tão variado quanto em São Luís, Edvaldo considera que o movimento reggae continua vivo em Imperatriz. Bandas de sucesso, que estouraram na década de 1990, seguem fazendo shows na cidade com um público consolidado. “Nesse tempo foi a primeira vez que veio a estrela Mega Itamaraty, que é a maior estrutura reggae do Brasil, sempre em grandes eventos. De lá pra cá foram umas sete vezes, e em abril de 2025, eu vou trazê-la novamente.”



## TRADIÇÕES



ILUSTRAÇÕES:  
DUDA SANTOS

# IMPERATRIZ E SUAS EXPRESSÕES

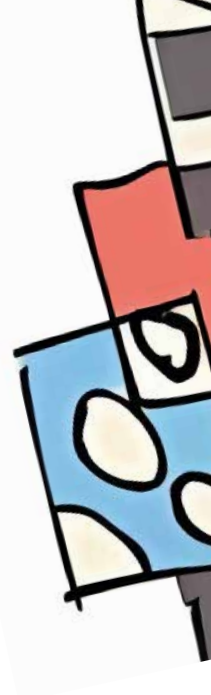
HISTÓRIAS DA CULTURA  
POPULAR E SEUS DESAFIOS

**POR**  
BASILIANO NETO  
DUDA SANTOS  
GABRIEL ARAUJO

**A** dança popular maranhense sempre esteve entrelaçada com a cultura local, representando um elo de identidade, resistência e celebração das tradições. No entanto, sua visibilidade e protagonismo ganharam força a partir dos anos 1990, quando grupos como Kizomba, Companhia Sotaque e Boi Valente emergiram para dar nova vida a manifestações como o Bumba Meu Boi, o Cacuriá, o Lundu e o Lindô de Dona Francisca.

Andréia Ferreira, integrante do grupo Kizomba, compartilhou sua experiência e visão sobre o cenário cultural de Imperatriz. Fundado em 1997, o grupo teve como um de seus maiores marcos a introdução do Cacuriá, um dos ritmos mais tradicionais do Maranhão. Andréia relembra com saudade o papel fundamental das escolas no fortalecimento dessa cultura: “O Kizomba começou como parte de uma gincana cultural na antiga Escola Jonas Ribeiro, e logo a professora Maria do Amparo levou a proposta para outras escolas e bairros, o que possibilitou o crescimento do grupo.”

Ela também destacou o quanto o movimento cultural nas escolas era impulsionado por figuras como a professora Maria do Amparo, que, com a colaboração de outros educadores e entidades culturais, fomentava oficinas de dança popular. Porém, com o tempo, Andréia notou uma mudança preocupante: “Hoje, a cultura dentro das escolas não tem mais a mesma força. Os jovens se afastaram das manifestações culturais locais e preferem seguir o que está nas redes sociais, como o TikTok, sem conhecer as nossas tradições.”



Para Andréia, a falta de apoio institucional e financeiro é um dos principais obstáculos vivenciados pelos grupos de dança popular, diferente de como acontecia no passado, quando existia mais incentivo por parte da prefeitura, do governo do Estado e da iniciativa privada. “Hoje, o Kizomba luta para se manter com poucos membros, e os grupos menores, como o Lindô de Dona Francisca e a Companhia Sotaque, também enfrentam dificuldades para garantir visibilidade e apoio”, explica.

Ela critica, ainda, a falta de espaço para as apresentações culturais no Arraiá da Mira. Nas suas primeiras edições, os organizadores do evento costumavam convidar grupos menores, mas hoje tem se concentrado apenas nas juninas. Um movimento que, embora importante, não representa a totalidade das manifestações culturais do estado. “Infelizmente, a cultura local foi relegada a segundo plano, e as quadrilhas ganharam maior destaque, quando a cultura do Maranhão vai muito além disso”, reflete Andréia.

Ao tratar das canções que acompanham as danças populares, Adilson Silva, integrante da Cia. Sotaque, conta que no caso do seu grupo, são em sua maioria autorais, e foram compostas pelo falecido Osório Mendes Neto, um dos fundadores.

Para ele, em 2000, quando tudo começou, um dos primeiros desafios foi a inexperience dos participantes no ramo da música. “A gente teve que pegar alguns crus mesmo e fazer músico ainda. Estava complicado”, comenta Adilson. Foi justamente naquele período, que muitos dos atuais artistas da cidade deram seus primeiros passos na música, por meio de canções da dança cultural. “Wellington Tigrão, lembro como chegou na frente do casarão com um cavaquinho debaixo do braço, a cara cheia de espinha, novinho, 16 anos de idade. Muitos desses pagodeiros passaram pelo sotaque”, lembra.

Outra questão apontada por ele, é o preconceito que algumas pessoas têm em relação às letras de duplo sentido das músicas e os movimentos característicos das danças. “A gente canta uma coisa e entendem outra, né? Bota a mão nos olhos, pra não ver o agarrado, aquele remelexo, caras de boca, sensualidade. Aí faz: ‘Ave Maria, meu Deus, vão se agarrar bem aí, vão se comer bem aí’. É só teatro, na verdade”, explica Adilson.

Charles Oliveira, um dos membros mais antigos do cenário da cultura popular em Imperatriz, falou sobre a evolução das quadrilhas e o surgimento

## BUSCA POR RECONHECIMENTO

**A** falta de apoio das autoridades locais tem dificultado a continuidade dos grupos de cultura popular em Imperatriz. Andréia acredita que os recursos financeiros e a visibilidade são fundamentais para o fortalecimento dessas manifestações. Por sua vez, estas geram impacto na economia local, movimentando não apenas o turismo, mas também o comércio e a arte. “Antigamente, o governo estadual oferecia mais apoio, permitindo que os grupos se apresentassem em festivais e arraiais de forma mais ampla. Hoje, as condições financeiras e logísticas são mais limitadas, e muitos grupos acabam ficando de fora por falta de recursos”, explica Andréia.

O Kizomba, por exemplo, já foi convidado a participar de importantes eventos fora de Imperatriz, como o Festival Internacional de Bonecos em Brasília e o Festival de Rabecas no Piauí. Contudo, essas oportunidades são raras e exigem muito esforço financeiro para serem viabilizadas. “Precisamos que as escolas, as universidades e as instituições culturais nos ajudem a reviver a cultura popular maranhense, trazendo os jovens para essa história rica e colorida”, conclui Andréia, reforçando a importância da colaboração entre as diversas esferas da sociedade para a preservação e fortalecimento da dança popular.

# “A CULTURA É VIDA. A DANÇA DE BUMBA MEU BOI NÃO É APENAS UM MOVIMENTO CORPORAL, MAS UMA EXPRESSÃO DE LIBERDADE, LUTA E VIDA”

JESUSLENE NUNES, EX-INTEGRANTE DO BOI VALENTE

de novos grupos de dança. “O movimento junino em Imperatriz tem diversas vertentes, e embora algumas quadrilhas estejam se tornando mais estilizadas, grupos como o Kizomba, o Lindô de Dona Francisca e o Boi Vitória ainda mantêm viva a essência da dança popular”, garante.

O Arraiá do Povo Festeiro, que ocorreu todos os anos, entre 2009 e 2016, além de outros eventos importantes, segundo Charles, foram exemplos de como o apoio do poder público é capaz de dar uma nova vida à cultura junina e popular. “Mas sem esse respaldo, muitos grupos se desestabilizam e desaparecem”, lamenta.

Jesuslene Nunes, ex-integrante do Boi Valente, recorda a origem do grupo e sua ligação com Imperatriz, uma cidade onde a dança e a cultura sempre desempenharam papel central. O Boi Valente surgiu de um projeto cultural idealizado pelo professor Luis Fernando Oliveira da Silva, em parceria com o Centro de Cultura de Imperatriz. “O grupo teve início em 2006, e logo se espalhou por diversos bairros da cidade, incluindo Santa Inês, Santa Rita, Nova Imperatriz, Bom Sucesso e Boca da Mata. Esse movimento de base comunitária ajudou a entrelaçar a cidade e seus arredores”, detalha Jesuslene.

Em relação às apresentações, ela ressalta que Imperatriz tem sido o palco principal, já que o grupo não chegou a se apresentar em São Luís. No entanto, membros do Boi Valente costumavam viajar para a capital para conhecer outros bumbás e participar das festividades. “As apresentações eram feitas em diversos locais, tanto em Imperatriz como nas cidades vizinhas. A interação com o público era única, o que fazia cada apresentação ser renovadora e prazerosa”, relembra com nostalgia.

Jesuslene também destacou as dificuldades enfrentadas pelo grupo, especialmente a falta de apoio da sociedade e das autoridades. “Era comum precisarmos explicar o significado e a relevância da dança cultural para a nossa cidade, e por muitas vezes enfrentamos a escassez de brincantes e o desinteresse por parte dos governantes e empresários locais”, lamenta.

A sua visão sobre a importância da dança para Imperatriz é clara: “A cultura é vida. A dança de Bumba Meu Boi não é apenas um movimento corporal, mas uma expressão de liberdade, luta e vida.”

No passado, o ambientes escolares foram essenciais no processo de disseminação da dança popular, funcionando como espaços onde os jovens podiam se aproximar da cultura local e aprender sobre ela. No entanto, o cenário atual é preocupante, pois a valorização da dança folclórica nos estabelecimentos de ensino diminuiu consideravelmente. “As escolas deveriam ser lugares que promovem a cultura de forma constante, e não apenas como um projeto pontual para ganhar pontos em atividades extracurriculares. A cultura não pode ser tratada como algo temporário, precisa ser inserida no cotidiano”, defende Jesuslene.



# KUNG-FU, BALA e SACANAGEM

LEMBRANÇAS DAS SALAS  
DE CINEMA DE RUA  
EM IMPERATRIZ

**POR**

ARTUR MARQUES  
ELIZANGELA ALMEIDA



O ato de ir ao cinema em Imperatriz era quase como um ritual na década de 1970. “Do passar da brilhantina no cabelo até o abrir das cortinas acompanhado pela música”, recorda José Ribamar, poeta e membro da Academia Imperatrizense de Letras. Ele afirma ter sido frequentador assíduo do Cine Muiraquitã, na época em que trabalhava como vendedor em uma loja de departamentos.

Para Ribamar, o cinema representava uma fuga da rotina de trabalho e do papel que desde novo exercia, o de ajudar no sustento de sua família. “Eu chegava com o dinheiro do salário em casa e já o entregava para os meus pais. O que eu pedia, sempre, era apenas o suficiente para levar meus irmãos ao cinema no final de semana. O do ingresso e o da pipoca”, lembra.

Ribamar sempre optava pelas sessões duplas, nas quais o espectador tinha a oportunidade de assistir dois filmes pelo preço de um. “Assim eu vi nascer, por exemplo, os filmes de lutas orientais, Bruce Lee e outros. Os meninos ficavam doidos, saíam da sessão gritando YA! YA!”, relembra o poeta, entre risadas. Ele acredita que até mesmo algumas cenas de violência ocorriam em clima de catarse generalizada nos momentos pós-exibição dessas obras.

“Eu sempre me pergunto por qual razão os cinemas se tornaram um fenômeno tão grande em Imperatriz”, evoca Ribamar. “Certa vez fui assistir um filme no Cine Marabá, acho que era O

menino da porteira [1976]. As pessoas arrombaram a porta do cinema para entrar”. Ele também descreve o espaço dos antigos cinemas de rua e seus arredores como pontos de lazer e recreação para a população, e cita a histórica fotografia das crianças brincando em frente ao Muiraquitã, localizado na rua Urbano Santos, entre a avenida Frei Manoel Procópio e a rua Manoel Bandeira. Além do Cine Muiraquitã e do Marabá, Imperatriz abrigou outros espaços cinematográficos, dentre eles o Fides, o Celimar, o Brasil e o Imperatriz.

“Era uma experiência coletiva. Todo mundo se tornava um no momento que a luz se acendia naquela tela gigante”, afirma o professor do curso de Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul), Gilberto Freire. “A partir disso, o silêncio tomava de conta”, completa ele, em sussuros. Organizador de iniciativas como o Cinema no Teatro, o Cinema nos Bairros e o Cineclubes Muiraquitã, logo ao chegar à cidade, na década de 1980, ele vislumbrava a possibilidade de fazer cinema local.

“Eu queria ir para a Angola, mas meu pai descobriu e me pediu para que viesse para Imperatriz para passar uma temporada”, rememora Gilberto. “Com dois meses me dei conta de que esse era o meu lugar. Então, anunciei no jornal O Progresso o seguinte: Interessados em fazer cinema Super-8, reunião na Escola Grça Aranha. Não apareceu ninguém”, conta, rindo.

CINEMAS DE RUA  
MARCARAM  
GERAÇÕES  
COM SEU  
CONVITE PARA  
EXPERIÊNCIAS  
MÁGICAS



# UM AMOR DE CINEMA

ILUSTRAÇÕES: PEDRO BEZERRA

**I**tamar e Rosenir Silva estão casados há mais de 40 anos. Se conheceram no Cine Marabá, mas não como espectadores. Rosenir começou a trabalhar na bilheteria e no escritório do cinema no ano de 1978. Em 1982, Itamar se tornou operador cinematográfico da mesma sala. Ambos exerceram os cargos até o fechamento do Marabá, em 1995. “Ele já trabalhava lá, daí uma vez ele foi até a bilheteria para comprar um ingresso e quando ele foi passar o dinheiro eu alisei a mão dele. Assim começou nossa história de amor”, recorda Rosenir. Hoje são dois filhos e dois netos.

O casal trabalhava no cinema de domingo a domingo e, apesar das atividades mais leves nos dias de semana, a loucura dos sábados e domingos anulava a sensação de tranquilidade. “No Marabá cabiam 700 pessoas sentadas em poltronas. Com elas ocupando também as laterais e as escadarias, batiam mil cabeças”, afirma Itamar. E era comum que isso acontecesse, o cinema aos finais de semana estava sempre lotado. “Depois que ocupavam os corredores, a gente barrava a entrada. O povo se revoltava e tacava pedra nas janelas. Quebraram um bocado”, conta o operador.

O filme mais lucrativo da história do Cine Marabá foi *Cobra* (1986), protagonizado por Sylvester Stallone. Eram cinco sessões seguidas, intercaladas entre o Marabá e o Fides. A mesma fita que era exibida em um, era levada para o outro para servir a uma nova sessão, e assim sucessivamente. Esse, inclusive, foi um dos filmes que Itamar gostou. “Para eu achar um filme bom é difícil, porque eu já assisti muita coisa. Um que me marcou foi *Robocop* [1987]. Aquele era diferente de tudo que eu já havia assistido”, afirma.

No decorrer da semana, das terças às sextas, o cinema exibia filmes pornográficos estrangeiros com conteúdo explícito, a essa altura já havia se encerrado a febre das pornochançadas. “O primeiro chegou em 1984, um italiano chamado *Moça sem... véu* [1984]. Foi o tipo de filme que eu mais abusei de assistir, ali era uma esculhambação só”, confessa Itamar. O operador conta que a população também se chocou com a película após sua primeira exibição. Assim, a programação do meio de semana passou a ser restrita para adultos, e era frequentada majoritariamente pelo público masculino.

**Cine Marabá marcou a história de Rosenir e Itamar**



ARQUIVO PESSOAL

**Projeto “Curta Imagem Negra” (Procine) ajuda a formar público e realizadores de cinema conscientes**

ARQUIVO PROCINE



## O RESGATE

No século XXI, os cinemas de rua de Imperatriz foram encerrando as suas atividades e entraram em cena as salas de exibição dos shoppings. A atriz, contadora de histórias, professora e mais conhecida como palhaça Laranjinha, Éro Cunha, explica que existe um processo de sair do seu espaço trivial, pois algumas pessoas atravessam a cidade para assistir filmes. “Toda essa preparação para entrar em uma sala de cinema, com o telão grande, estrutura de ambientação, luz, som e imagem, é algo que, por mais que nossa casa seja confortável, nada se compara a uma sala de cinema. É algo encantador, mágico, é como sair para o teatro”. Mas apesar de toda a magia, Eró constata que os espectadores não têm mais interesse em frequentar as salas de cinema, preferindo os *streamings*.

A paixão da atriz pelo cinema surgiu durante sua época como aluna do curso de literatura, quando ela iniciou a sua participação no movimento negro e percebeu a ausência de debates sobre gênero e etnia nas telas e na sociedade. Hoje ela desenvolve diversos projetos com alunos do ensino médio. Um dos destaques é o Projeto de Cinema Negro “Curta Imagem Negra” (Procine), criado em 2010. As primeiras edições aconteceram na Escola Estadual Edson Lobão, o atual Centro de Ensino Professor Ednan Moraes.

“Começamos a ver os filmes, analisar. Como não dava de trabalhar os filmes muitos longos, e os horários eram curtos, a gente trabalhava com fragmentos, pedia para os alunos verem em casa, discutirem em sala e depois passamos para o momento

de produção a partir da vivência e cotidiano deles”, relata. O projeto foi criado para atender a comunidade do grande Bacuri, com base na lei 10.639/03, que incluiu a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” no currículo escolar. O objetivo foi promover o protagonismo jovem na linguagem cinematográfica e buscar formar plateias e criar espaços para o compartilhamento de saberes e narrativas inclusivas.

Eró observa uma melhora significativa no rendimento dos alunos, especialmente no relacionamento dentro das salas de aula e no ambiente escolar. “Eu percebi que as meninas e os meninos não conseguiam reconhecer a beleza de ser negro, da diversidade e pluralidade. Pois eles são negros, indígenas e não indígenas, que começaram a ter orgulho de si e trazer suas histórias”, completa.

**AS SALAS DE SHOPPINGS SUBSTITUÍRAM OS ANTIGOS CINEMAS, MAS TELA GRANDE AINDA GERA FASCÍNIO**



ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS

VISITE NOSSOS CANAIS



[www.zinesibita.ufma.br](http://www.zinesibita.ufma.br)

@zinesibita